

A sociologia e a antropologia das emoções de Thomas Scheff: uma resenha

Resenha do livro: KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro & BARBOSA, Raoni Borges (Organizadores e tradutores). *Vergonha no self e na sociedade: a sociologia e a antropologia das emoções de Thomas Scheff*. Cadernos do GREM, n. 10, Recife: Ed. Bagaço; João Pessoa: Ed. GREM, 2016.

A partir de uma iniciativa institucional pioneira e inédita no Brasil, os leitores terão a oportunidade de encontrar, pela primeira vez, organizadas em uma mesma coletânea, traduções cuidadosas de artigos significativos do sociólogo Thomas Scheff, Professor Emérito da Universidade da Califórnia, Santa Bárbara (EUA). A coletânea, nesse sentido, oferece uma introdução à antropologia e à sociologia das emoções de Scheff, visto que se trata de uma obra que expressa o caminho teórico e metodológico desenvolvido por Scheff desde os anos 1970.

Alguns dos artigos organizados nesta coletânea aparecem traduzidos e publicados, em uma primeira versão, na *RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, fundada em 2002 e editada pelo GREM Grupo de Pesquisa em Antropologia e Sociologia das Emoções, da Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Estas traduções e publicações têm por objetivo introduzir o debate teórico e metodológico sobre o lugar das emoções como objeto de estudo das ciências sociais. O que, por sua vez, evidencia uma entre tantas outras iniciativas institucionais pioneiras do GREM para a institucionalização e a consolidação desses campos de estudos no Brasil¹.

Organizado e traduzido por Koury e Barbosa, o livro *“Vergonha no self e na sociedade”* faz parte da Coleção Cadernos do Grem e está dividido em nove capítulos, além de uma apresentação escrita pelos organizadores e tradutores. Nesta apresentação Koury e Bar-

bosa situam a importância da obra de Scheff para a sociologia e a antropologia das emoções, bem como localiza a obra desse autor dentro do quadro mais amplo de processos de renovação das ciências sociais, principalmente a partir do final dos anos de 1960, que emergiram nos Estados Unidos.

Como podemos definir o que são as emoções? Para Scheff, ao discutir o problema da definição das emoções, o estudo sistemático das emoções ainda se constitui em um campo de pesquisa pouco consolidado. Isso se deve, em larga medida, devido à dificuldade elementar que caracteriza esse campo de estudos, qual seja: “o significado das palavras que se referem a emoções é tão confuso que dificilmente sabemos do que estamos falando” (p. 204). Os termos em uso para as emoções possuem definições operacionais ambíguas, e, por esta razão, tanto as emoções básicas quanto os nomes usados para definir emoções específicas estão em disputa entre os pesquisadores do campo. Assim sendo, o próprio termo emoções possui significados confusos e ambíguos, e não existe um acordo entre os pesquisadores que estudam as emoções sobre o significado dos termos para emoções específicas. Segundo Scheff, esses desacordos resultam, principalmente, do uso vernacular que os pesquisadores fazem da palavra emoções, bem como dos significados atribuídos para emoções específicas. A maioria dos pesquisadores assim apenas elabora uma catalogação dos relatos verbais sobre as emoções, e não oferecem, de fato, definições conceituais sobre as emoções, pois partem da suposição de que as emoções trabalhadas e as acepções conferidas são claras para o seu leitor. Os usos das palavras vernaculares sobre emoções, portanto, “são todos *trópos*: eles são vagas e ambíguas, e levam uma e-

¹Deve-se ressaltar que desde a década de 1990 a consolidada obra de Koury apresenta e discute as implicações metodológicas de uma pesquisa sobre as emoções no Brasil. Como professor do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPB, coordenador do GREM e editor da RBSE, entre outras iniciativas institucionais, Koury possui uma significação histórica à consolidação desses campos de estudos no país.

norme carga de pressupostos culturais” (p. 246). Ao analisar, particularmente, o significado vernacular da vergonha, Scheff também verifica que o uso atual da vergonha possui uma definição mais estreita, como “uma emoção consciente e dolorosa da crise” (p. 253).

Por esta razão, nas palavras do próprio autor:

Não importa o quanto rigorosa e sistemática seja a teoria, o método e a recompilação dos dados, a formulação dos conceitos básicos é crucial, pois [a] linguagem comum aprisiona objetos e pesquisadores em uma miríade de suposições feitas em cada sociedade. Quando se estuda e analisa temas definidos pela linguagem comum, literalmente não se sabe o que se está falando. (...) [Um] passo nesse sentido seria o de definir os principais tópicos em um estudo de conceitos explícitos, ao invés de usar palavras vernáculas (p. 258-9).

Para Scheff (p. 223) “é difícil entender a importância da vergonha nas sociedades modernas, porque vivemos dentro de um *ethos* altamente individualista e focado em assuntos exteriores”. Por esta razão, a vergonha, para a maior parte dos pesquisadores, ainda é um tabu. No entanto, por ser respectivamente social e individual, a vergonha pode ser considerada como a emoção principal da análise sociológica. O autor (p. 230), nesse sentido, trata a vergonha da seguinte forma: “como a emoção dominante por causa de sua onipresença na experiência humana, e do seu papel como a força por trás da consciência, e como reguladora de todas as nossas emoções, incluindo a própria vergonha”. Sob esta ótica de análise, Scheff analisa os principais trabalhos que estudam a vergonha coletiva. Segundo o autor (p. 23-45), os três autores pioneiros na sociologia das emoções são Norbert Elias, Richard Sennet e Helen Lynd. Por se dedicarem na análise sociológica ao estudo de uma emoção específica, esses três pioneiros atribuíram importância aos estudos sobre emoções. Muito embora as emoções pairessem nas análises de Durkheim, Mead e Parsons, antes desses trabalhos pioneiros sobre a vergonha o estudo sobre as emoções não possuía centralidade analítica nas Ciências Sociais. A respeito das formulações de Durkheim, Mead e Parsons, enfatiza o autor (p. 63):

[a]s formulações clássicas não conduziram a nada, porque se concentravam nas emo-

ções em geral. Nosso conhecimento das emoções não é generalizado, mas particular. [...]. Nossas crenças compartilhadas sobre emoções específicas permitem a nossa comunicação sobre este assunto, e restringem, ao mesmo tempo, voos de fantasia. [...]. É por esta razão que as declarações gerais sobre as emoções possuem tão pouco significado.

Apesar de darem os passos iniciais para o estudo sobre uma emoção específica, no entanto, nos casos de Elias e Sennet, em suas principais obras, eles nem sempre se esforçaram para nomear a emoção vergonha e/ou desenvolver o seu significado conceitual, pois ambos, ao invés de tratar a vergonha como um conceito, trataram-na como uma palavra vernácula. Os estudos de Lynd, por sua vez, apresentam uma definição mais analítica e consciente sobre a vergonha, bem como discute essa emoção a partir de uma compreensão aproximativa com a noção de identidade. Como ressalta Scheff (p. 25), “o ato de nomear é parte importante de uma investigação”. Além disso, segundo as análises do autor, os parâmetros desenhados por Elias, Sennet e Lynd são importantes para a elaboração de um conceito para o sentimento vergonha, e assim sendo, o estudo sobre a vergonha deve incluir definições analíticas e operacionais. No interior dessas discussões, Scheff ainda analisa as obras de Goffman. Na análise do autor, Goffman não desenvolveu um estudo sobre o sentimento vergonha próximo do que foi realizado por Elias e Sennet, assim como também não desenvolveu uma análise sistemática como a de Lynd; o que não faz de Goffman, portanto, um dos pioneiros da sociologia das emoções. Contudo, os trabalhos de Goffman sobre os sentimentos de embaraço e ausência de embaraço são relevantes para os estudos sobre a vergonha. Dito isto, depois de desenhar os parâmetros desenvolvidos por Elias, Sennet e Lynd, o autor, por sua vez, elabora uma proposta conceitual para o estudo sobre o sentimento vergonha. Em suas próprias palavras (p. 100):

defino vergonha como uma grande família de emoções que inclui muitos cognatos e variantes, mais notadamente, o constrangimento, a humilhação, a culpa e os sentimentos relacionados, tais como, a timidez, por exemplo, que se originam em forma de ameaças ao vínculo social. Esta definição integra *Self* (reações emocionais) e *Sociedade* (o vínculo social).

A partir dessa perspectiva de análise Scheff (p. 63-109) analisa a vergonha no *self* e na sociedade. Além de propor uma definição mais ampla sobre a vergonha do que a do seu uso atual, o autor sugere ainda um método e uma teoria para o estudo da vergonha na relação entre o *self* e a sociedade. Com essa proposta, Scheff busca elaborar uma definição de vergonha que supere o seu sentido vernáculo, bem como sugere que a noção de constrangimento dos vínculos seja nomeada como vergonha. Para tanto, o autor realiza uma revisão dos estudos anteriores sobre o sentimento de vergonha, dando maior ênfase às contribuições de Mead sobre o *self*, de Colley sobre a vergonha e de Goffman sobre o embaraço. Nesta revisão, a noção de antecipação de papéis é uma ideia importante para a compreensão do *self* em Mead. Contudo, será Colley que, ao atribuir uma versão própria da noção de antecipação de papéis, irá aproximar essa noção das emoções. Na noção de “autoespelho” de Colley, a vergonha e o orgulho surgem como emoções bases para a compreensão dos vínculos afetivos, porém, como a maior parte dos pesquisadores que se dedicam ao estudo das emoções, Colley não ofereceu uma definição conceitual dessas duas emoções. Goffman, por sua vez, também aproxima a noção de antecipação de papéis da ideia das emoções, no entanto, de forma menos direta do que a proposta por Colley. Na proposta de Goffman, o embaraço é uma emoção central na interação social, e assim ele conseguiu ir mais longe do que Mead e Colley, pois Goffman estabeleceu uma relação mais sistemática entre o constrangimento e a antecipação de papéis com base em exemplos variados. Muito embora Goffman tenha se concentrado na noção de constrangimento, trabalhando mais com a emoção embaraço do que com a emoção vergonha, a contribuição fundamental de Goffman, para o estudo das emoções, reside na sua ideia de gerenciamento de impressões, na qual a evitação de constrangimento assinala as maneiras nas quais o espelho, central no comportamento interpessoal, gera emoções. O que, segundo Scheff, ao tentar vincular uma emoção interior com elementos que podem ser exteriormente observáveis, Goffman não apenas desenvolve uma elaboração conceitual, mas, ao mesmo tempo, propõe uma definição operacional dos vínculos cotidianos.

Nesta sua revisão, Scheff ainda destaca que, muito embora Elias não tenha desenvolvido uma definição conceitual para o sentimento de vergonha, o limiar da vergonha, promovido na passagem da Idade Média para os anos iniciais das sociedades modernas do século XIX, é uma interpretação fundamental na sua obra *O Processo Civilizador*. Segundo Scheff, ainda que alguns pesquisadores tenham definido a vergonha como uma emoção social e em seu sentido mais amplo, estes pesquisadores, no entanto, não exploraram a história da vergonha, assim como também não exploraram as mudanças de significados que essa emoção experimentou ao longo dos processos sociais de transição das sociedades tradicionais para as sociedades modernas. A história eliasiana sobre a vergonha, portanto, oferece uma importante contribuição para o campo dos estudos sobre emoções, porque a análise de Elias desenvolvida em *O Processo Civilizador* apresenta as mudanças operadas nos processos de constituição da personalidade nos momentos iniciais da civilização moderna. Com isso, Elias oferece uma teoria da modernidade e mostra como a vergonha adquiriu uma forma clandestina nas sociedades modernas. Para Scheff (p. 84), então, a tese central de Elias consiste na seguinte análise: “a diminuição dos limiares da vergonha no momento do rompimento das comunidades rurais, e a diminuição do reconhecimento de vergonha, tiveram consequências poderosas sobre os níveis de consciência e autocontrole”. E ainda na revisão de Scheff (p. 85), a análise de Elias assinala a “cadeia causal da civilização moderna”, qual seja: “a negação da vergonha e dos vínculos sociais ameaçados que tanto causam quanto refletem a negação”. Elias, desta maneira, desenvolveu uma análise relevante para o entendimento do significado que constitui a negação da vergonha. Além disso, a análise de Elias também possibilitou uma interpretação singular a respeito da transmissão social do tabu sobre a vergonha, assim como sobre o vínculo social.

Considerado um dos pioneiros da Sociologia das Emoções nos Estados Unidos, Thomas Scheff tem se dedicado, desde os anos 1970, a desenvolver uma proposta teórica e metodológica para o problema da definição das emoções. Mas não apenas desenvolve uma elaboração conceitual das emoções, bem mais propositivo, Scheff também oferece contribuições importantes ao estudo de emoções específicas, e sugere a vergonha

como a emoção principal da análise sociológica, visto que se trata de uma emoção central em uma cultura emotiva. A partir de uma iniciativa relevante de síntese e balanço crítico, Scheff coloca as emoções como categorias centrais nos seus quadros de análise e busca desenvolver os parâmetros conceituais para o estudo sobre emoções. Nesta coletânea de trabalho traduzida, os leitores encontrarão um balanço de literatura extenso, mas realizado em uma linguagem clara e precisa, o que, por sua vez, permite que o leitor ainda não familiarizado se aproxime conceitual-

mente dos debates internos da antropologia e da sociologia das emoções. Ressaltamos, por fim, a singular importância que esta coletânea possui para a consolidação desses campos de estudo no Brasil.

*Tarsila Chiara Santana
Jainara Gomes de Oliveira*

Recebido em: 11.10.2016
Aprovado em: 21.11.2016